

Dora Kramer*

Kassab aposta na rejeição e telhados de vidro de Lula e Flávio

A data precisa do anúncio de quem será o escolhido para tentar atrair o eleitorado hoje dividido entre Luiz Inácio da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL), Gilberto Kassab (PSD) não diz. Fica naquilo que já se sabe: “Será até o fim do mês”, repete, também na guarda do quase segredo de polichinelo de que a indicação recairá sobre o paranaense Ratinho Jr., cujo nome pode passar por um reposicionamento de marca.

Do triunvirato composto pelo gaúcho Eduardo Leite e o goiano Ronaldo Caiado, é quem aparece nas pesquisas em situação menos pior em relação aos dois favoritos; é visto como o preferido da elite econômica e aquele com maior capacidade de construir alianças nos estados.

Fica faltando o critério do magnetismo pessoal —também chamado de carisma— que, convenhamos, não é exatamente uma característica de destaque no perfil do governador do Paraná nem de sobra nos outros. Portanto, caso dê zebra, não terá sido esse o fator de desempate.

A aposta de Kassab é no conteúdo do discurso sustentado em temas que permeiam o ambiente social e traduzem demandas não atendi-

das pelo governo Lula nem pelo antecessor, do qual o primogênito de Jair Bolsonaro é representante. Nas propostas, os três Poderes estarão na mira.

Uma rasante nos planos de diálogo com o eleitorado mostra o seguinte: no Judiciário, a defesa da idade mínima de 60 anos para a nomeação de ministros, com manutenção da aposentadoria aos 75. Na prática, mandato máximo de 15 anos. No Legislativo, articulação política que dê jeito no uso abusivo de emendas; no Executivo, a volta do teto de gastos, e, na administração pública em geral, uma radical reforma do Estado.

Criminalidade, corrupção e capacidade de gestão também estão no cardápio, cujo diferencial seria justamente o abandono do embate ideológico para dar prioridade aos problemas objetivos da vida das pessoas. Gilberto Kassab acha que por aí tem jogo para o time do meio se aproveitar da rejeição e dos telhados de vidro —mercadoria farta nas prateleiras dos oponentes.

*Jornalista e comentarista de política

Aristóteles Drummond

O Rio pede ousadia

O Rio de Janeiro e sua capital, que foi do Império e da República, sempre pediu e obteve ousadia de seus governantes. Os grandes gestores foram os que ousaram em obras sem as quais a cidade teria morrido asfixiada. Seria como Roma sem as alterações dos anos trinta que retirou a cidade do patrimônio mundial da decadência que estava.

Assim foi com Pereira Passos e Carlos Sampaio rasgando avenidas e removendo morros; Negrão de Lima e Carlos Lacerda, com o Aterro, túneis. , o alargamento da praia e das pistas de rolamento da Avenida Atlântica e os acessos à Barra da Tijuca de Negrão. Brizola ficou mais conhecido pelo discurso político, entretanto fez o Sambódromo e a Linha Vermelha, no trecho até a Ilha do Governador. Lacerda desafogou Copacabana com os túneis Rubens Vaz e Sá Freire Alvim. E recentemente foi Eduardo Paes que teve a coragem de criar o projeto do porto, com o fantástico túnel Marcello Alencar e o não menos importante 450 Anos. Demolir a Perimetral era coisa para gestor de visão e coragem.

Agora são desafios que vão de descongestionar o Jardim Botânico e os acessos à Barra da Ti-

juca, resolver a questão do aeroporto internacional, ilhado pelo congestionamento todo dia, e o uso aquaviário no transporte público para municípios no entorno da Baía de Guanabara para liberar a Av. Brasil, via Vermelha e os primeiros quilômetros da Washington Luiz. E apoio federal para gerar polos de aproveitamento da mão de obra qualificada na cidade e consolidar as entidades de tecnologia e pesquisa de excelência existente. Atrair eventos, congressos, para um turismo de qualidade.

Na hora de votar vai ser preciso pragmatismo. O governo estadual pede quem conheça economia, gestão e as vocações da capital e do interior. Tudo quase pronto como o turismo na região serrana e litoral, industrial no sul fluminense. Precisa, porém, fortalecer o agro no norte e noroeste.

A questão social e de segurança podem se agravar sem maior desenvolvimento econômico e oferta de bons empregos. O Rio não pode ser um balneário com samba e futebol. E não pode comprometer seu potencial turístico com a vergonhosa população de rua.

EDITORIAL

Violência contra mulheres alarma

A violência contra mulheres não é um desvio ocasional da sociedade: é uma estrutura persistente que atravessa gerações, culturas e classes sociais. Após duas décadas acompanhando histórias, dados e políticas públicas, fica evidente que não estamos diante de um problema novo, tampouco simples. Trata-se de uma crise contínua, alimentada por silêncio, impunidade e desigualdade.

Os números, por si só, já seriam suficientes para indignar. Mas o mais alarmante é a normalização. A violência doméstica ainda é tratada como assunto privado em muitos lares. O assédio é relativizado em ambientes de trabalho. O feminicídio, frequentemente, vira estatística passageira no noticiário: mais um caso entre tantos. Essa banalização corrói qualquer tentativa real de mudança.

Há avanços, sim. Leis mais rigorosas, canais de denúncia, campanhas de conscientização. No entanto, a distância entre a legislação e a realidade cotidiana ainda é brutal. Denunciar continua sendo um ato de coragem extrema para muitas mulheres, que enfrentam não apenas o agressor, mas também o julgamento social, a dependência econômica e a fragilidade das redes de proteção.

É preciso encarar uma verdade desconfortável: a violência

contra mulheres não se sustenta apenas por agressores individuais, mas por uma cultura que, direta ou indiretamente, os legitima. Quando se questiona a vítima, quando se minimiza o comportamento abusivo, quando se perpetuam estereótipos de gênero, está-se contribuindo para a manutenção desse ciclo.

Políticas públicas precisam ser mais do que reativas: devem ser preventivas, estruturais e contínuas. Educação de base, formação de profissionais, acesso à justiça e autonomia econômica são pilares indispensáveis. Sem isso, qualquer medida será apenas paliativa.

Mas a responsabilidade também é coletiva. Empresas, escolas, famílias e meios de comunicação precisam assumir sua parte. A mudança cultural não acontece por decreto; ela se constrói no cotidiano, na forma como se educa, se comunica e se reage diante da violência.

A sensação é ambígua: há mais visibilidade, mas a urgência permanece intacta. Não falta informação. Não faltam alertas. O que ainda falta, e com gravidade, é ação consistente e compromisso real. A violência contra mulheres não pode continuar sendo uma tragédia inevitável. É uma escolha social tolerada. E, como toda escolha, pode, e deve, ser transformada.

Opinião do leitor

Golpes infundáveis

O número de golpes que surge no dia a dia dos brasileiros desestrutura qualquer mecanismo de defesa. Não há como ficar em alerta por 24 horas e temer abrir um e-mail, atender o telefone ou mesmo dar uma simples informação. Uma verdadeira bola de neve.

Valéria Montese
Bocaina de Minas- MG

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ACORDO NAVAL ENTRE FRANÇA, ITÁLIA E INGLATERRA ESTÁ NA FASE FINAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de março de 1931 foram: Inglaterra inaugura exposição comercial em Buenos Aires, na Argentina. Além disso, país europeu deseja que que a parte final

do acordo naval entre França e Itália seja elaborada pelos mesmos representantes do Tratado de Londres. Situação no Peru ainda não está completamente normalizada: nem política, nem socialmente.

HÁ 75 ANOS: BANGU E SÃO PAULO ORGANIZAM EXCURSÕES PARA A EUROPA

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de março de 1951 foram: Tropas Aliadas empurram cada vez mais os exércitos chineses para o Norte da península. Congresso aprova medida de interven-

ção do governo argentino no “La Prensa”. Crise no PTB pode provocar a demissão da ala Queremista dissidente. Bangu e São Paulo farão excursões na Europa. Antes, o Bangu pega o Palmeiras no Rio-São Paulo

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilmair Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SR - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SR CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.